

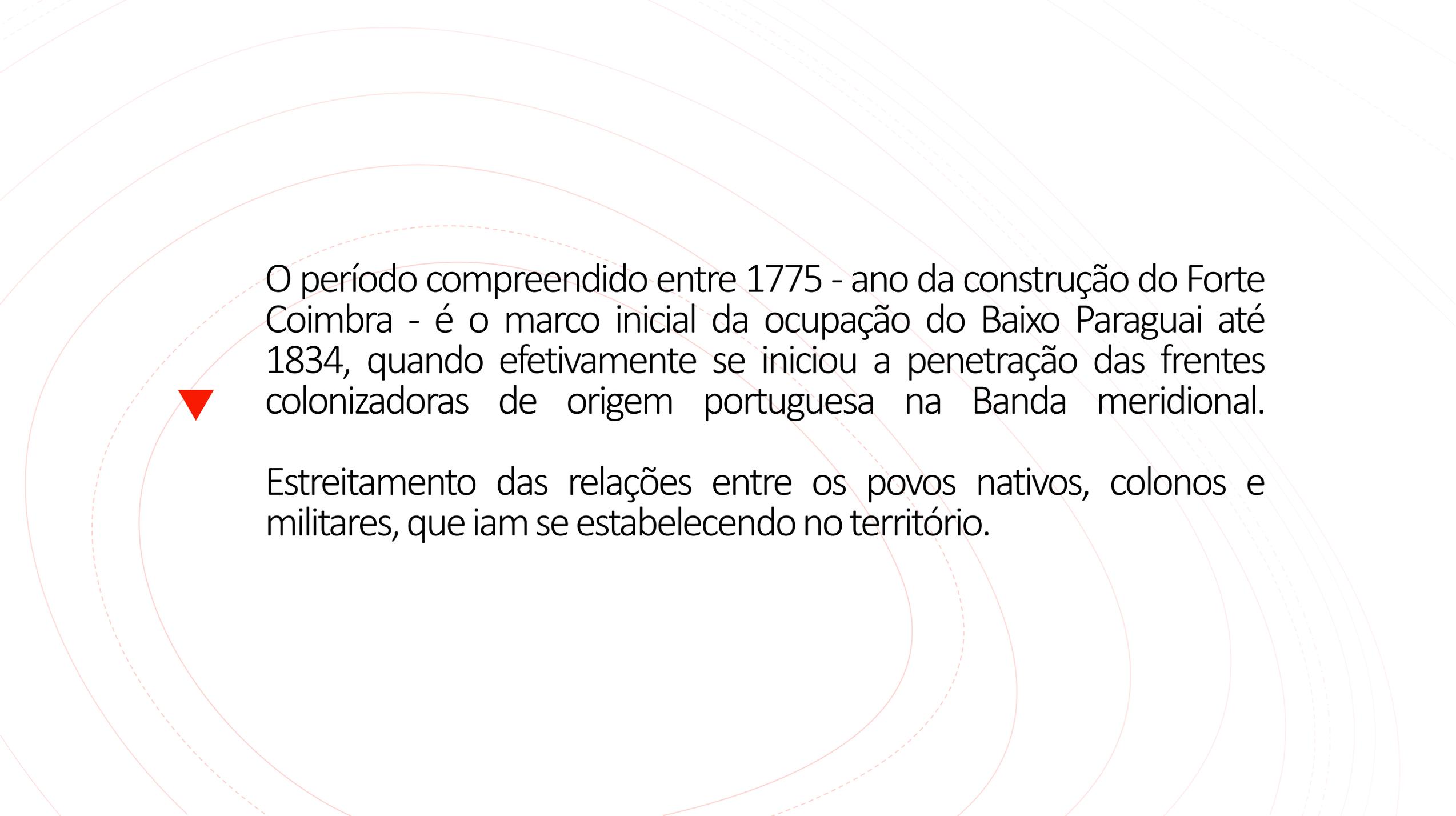
▼ O Antigo Mato Grosso - A Guerra da Tríplice Aliança Contra o Paraguai - Os Povos Nativos

Prof. Dr. PAULO MARCOS ESSELIN

Campo Grande – MS
2019

Objetivo

Esse trabalho tem como objetivo analisar a participação dos povos nativos habitantes do território do Pantanal Sul-Mato-Grossense na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai



▼ O período compreendido entre 1775 - ano da construção do Forte Coimbra - é o marco inicial da ocupação do Baixo Paraguai até 1834, quando efetivamente se iniciou a penetração das frentes colonizadoras de origem portuguesa na Banda meridional.

Estreitamento das relações entre os povos nativos, colonos e militares, que iam se estabelecendo no território.

Nas proximidades do Forte Coimbra, seus comandantes estavam sempre preocupados em aldear os indígenas, atendendo as instruções de seus superiores.



Para dar meu parecer, conforme manda S.M. e V.Ex. me ordena, sobre o aldeamento dos índios uaicurús e guanás, que vivem como entre os portugueses, nos terrenos adjacentes, e a norte d'este presídio de Coimbra, e nos contíguos ao de Miranda, de tal fôrma que fiquem sendo úteis a mineração e agricultura, confesso, Illm e Exm. Sr. Que mais de uma vez tenho esforçado para cumprir esse meu dever, [...]. (ALMEIDA SERRA, 2ª ed. 1866, p. 240).

O indígena foi sendo ensinado ao uso de técnicas mais sofisticadas, ao manejo de instrumentos mais adequados de cultivo de plantas oriundas da Europa.

Contava a colônia (Brasil, início de século XIX) com uma população em torno de três milhões habitantes; destes, um milhão eram escravos negros e oitocentos mil eram indígenas.

A situação econômica da Província, no início do século XIX, era de extrema decadência econômica; a crise da mineração com o esgotamento dos veios auríferos e diamantíferos levava ao deslocamento de capitais para outras regiões.

Entre 1819 e 1828, o número de trabalhadores escravizados retrocedeu de 14.180 para 12.715 e, no fim do ano de 1872, eles eram apenas 6.667 indivíduos.

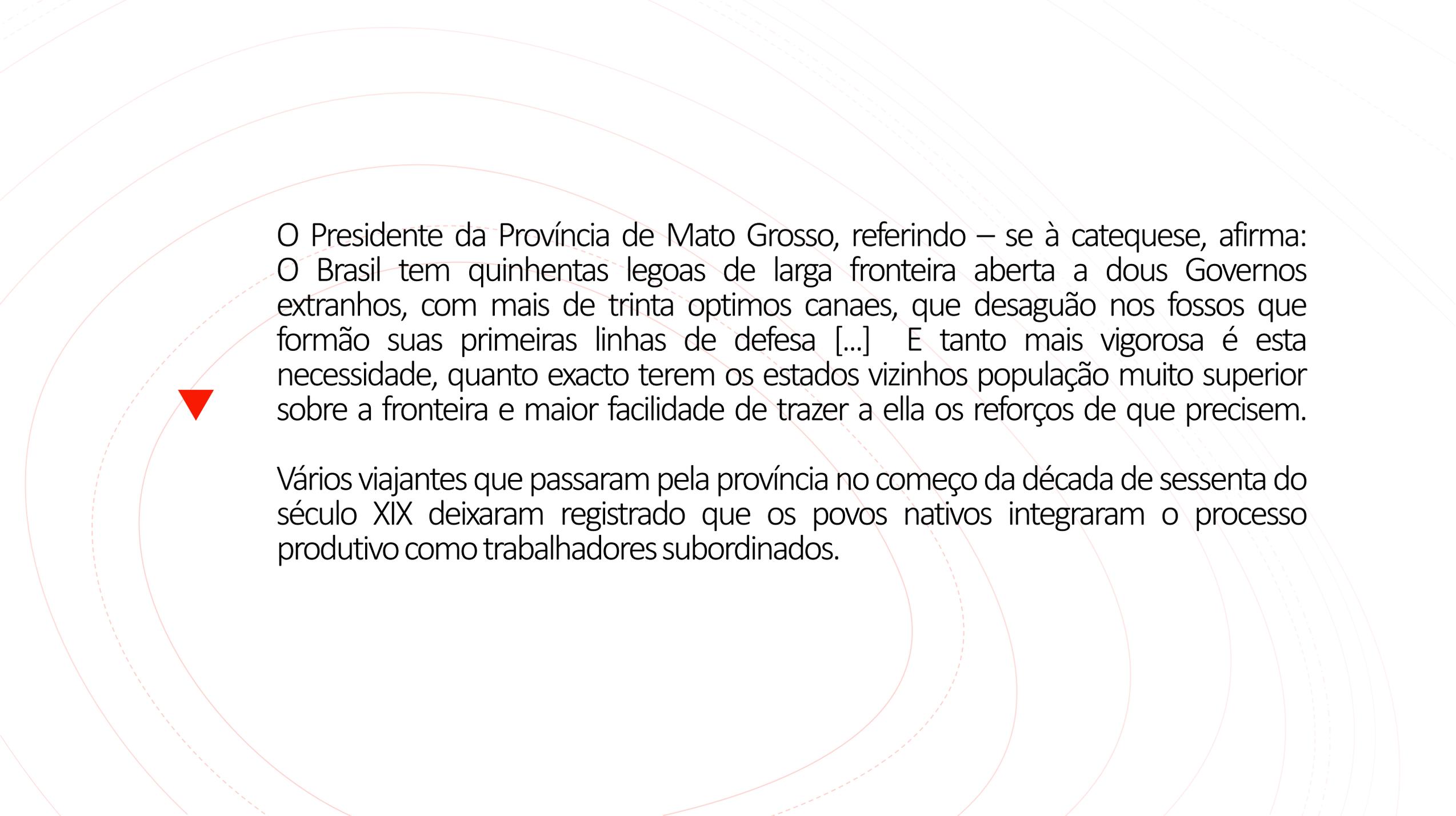
Para a instalação e ampliação das atividades mercantil, não havia alternativa que não fosse o aproveitamento dos povos autóctones.

Em 1846, na Província de Mato Grosso para acelerar o processo de conversão dos nativos em homens “civilizados e produtivos” foi criada a Diretoria Geral dos Índios, [Decreto de 24 de julho de 1845]

Estímulo ao aldeamento dos indígenas

- ▼ A proposta do Estado brasileiro para romper com a situação de “barbárie” era também uma porta aberta à exploração da mão-de-obra indígena por parte de autoridades e fazendeiros.

Assim, “civilizar” os povos indígenas representava, por fim, a “selvageria” de estabelecer uma “nova” sociedade, ou seja, “destruí-la enquanto formas inferiores e, no seu lugar, implantar outra, tida como superior”



O Presidente da Província de Mato Grosso, referindo – se à catequese, afirma:
O Brasil tem quinhentas legoas de larga fronteira aberta a dous Governos
extranhos, com mais de trinta optimos canaes, que desaguão nos fossos que
formão suas primeiras linhas de defesa [...] E tanto mais vigorosa é esta
necessidade, quanto exacto terem os estados vizinhos população muito superior
sobre a fronteira e maior facilidade de trazer a ella os reforços de que precisem.

Vários viajantes que passaram pela província no começo da década de sessenta do
século XIX deixaram registrado que os povos nativos integraram o processo
produtivo como trabalhadores subordinados.

O Mato Grosso invadido

As tropas paraguaias obtiveram pleno êxito na invasão de Mato Grosso.

Rapidamente as áreas invadidas foram completamente dominadas.

Já nas proximidades do Forte de Miranda e da Vila de Miranda, sob a direção de Frei Marianno de Bagnaia, estavam aldeados os Terena e os Laiana que, há muito, prestavam serviços à comunidade e aos fazendeiros. Cultivavam roças que abasteciam a Vila e o Forte com gêneros alimentícios.



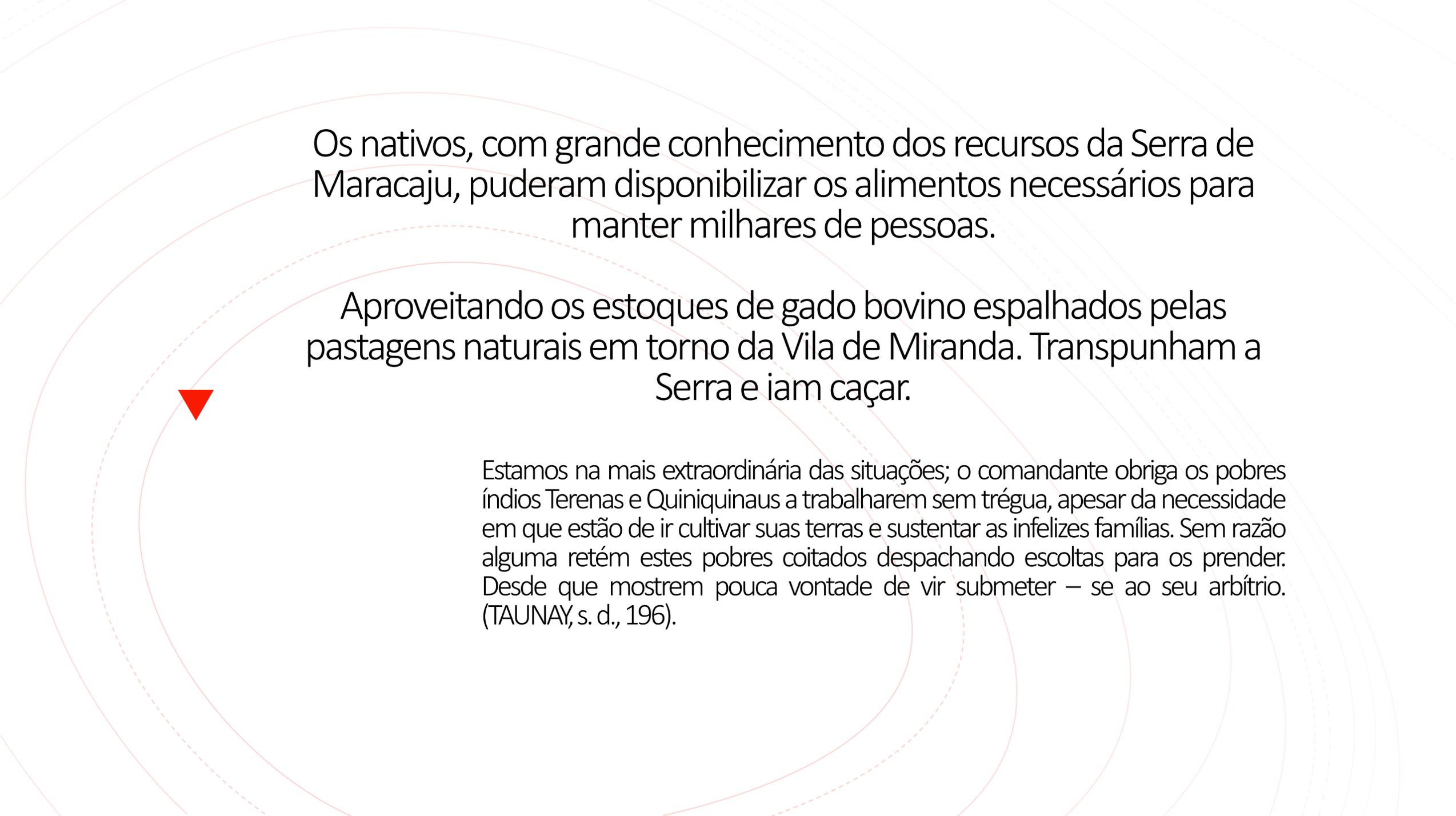
Nessa mesma região foram aldeados pelo Frei Ângelo de Caramanico, os Guarani-Kayoa.

Tão logo ocorreu a invasão de Mato Grosso, as tropas paraguaias invadiram os aldeamentos indígenas e destruíram os cultivos. Com isso, desorganizou-se completamente a produção de víveres em toda a área invadida.

Os nativos abandonaram suas aldeias, fugindo dos ataques dos exércitos invasores, se juntaram à população não Índia, embrenhando-se pela Serra de Maracaju.



Embora em grande maioria, como muitos receavam libertar-se com estrondo e crueldade da tutela ferrenha e abusiva em que sempre haviam sido conservados; mostraram-se mais independentes, mas nem por isso praticaram desmandos e crimes que teriam ficado impunes. (TAUNAY, 1948).



Os nativos, com grande conhecimento dos recursos da Serra de Maracaju, puderam disponibilizar os alimentos necessários para manter milhares de pessoas.

Aproveitando os estoques de gado bovino espalhados pelas pastagens naturais em torno da Vila de Miranda. Transpunham a Serra e iam caçar.

Estamos na mais extraordinária das situações; o comandante obriga os pobres índios Terenas e Quinquinaus a trabalharem sem trégua, apesar da necessidade em que estão de ir cultivar suas terras e sustentar as infelizes famílias. Sem razão alguma retém estes pobres coitados despachando escoltas para os prender. Desde que mostrem pouca vontade de vir submeter – se ao seu arbítrio. (TAUNAY, s. d., 196).

A pequena resistência que encontraram os Exércitos paraguaios no sul da província de Mato Grosso foi quase que exclusivamente oferecida pelos indígenas. Os nativos costumavam invadir os acampamentos de paraguaios para roubar cavalos, enfraquecendo assim os seus ocupantes. (TAUNAY, 1929).

▼ Tão logo os contingentes da Força Expedicionária chegaram à Serra de Maracaju, onde se concentrava o maior número de refugiados da Vila de Miranda e das aldeias em torno, os oficiais organizaram um alistamento para recrutar os nativos para o serviço militar.

Lutaram ao lado das tropas brasileiras. Consta em diversas Ordem do Dia, informe que ressalta a bravura, coragem e determinação dos índios em combate.

Devido ao conhecimento do território, os nativos foram importantes informantes, permitindo com seus relatos que as autoridades imperiais monitorassem os movimentos dos paraguaios em todo o período de invasão mesmo que não muito tivesse sido feito com essa informação, para a reconquista dos territórios. A infeliz coluna imperial ainda teve que contar com a ajuda dos nativos como tradutores e guias.



Para se ter uma ideia da dependência que as autoridades tinham dos povos nativos, em novembro de 1863, o Presidente da província de Mato Grosso, Augusto Leverger, foi encarregado pelo governo imperial, da coordenação e complemento da Carta de Mato Grosso. No mês de agosto do mesmo ano, ficou por alguns dias na vila de Miranda à espera de um guia Kadiwéu para acompanhá-lo na tarefa de explorar a zona sul e sudoeste de Mato Grosso, pois os índios dessa etnia eram exímios conhecedores da região, sem eles era praticamente impossível a qualquer autoridade se deslocar com sucesso pela província.

Com o fim da Guerra, mais uma vez, o nativo era visto pragmaticamente como elemento fundamental na reorganização mercantil da região, como fornecedor de mão de obra, de produtos e de serviços.



Que V. Ex^a. recomende ao comandante militar e as autoridades do logar toda proteção a favor dos índios, e que os mantinha em suas terras, visto como serão precisos ainda annos para que Miranda volte ao seo antigo estado, e tenha as autoridades próprias de uma villa. Se não houver grande repugnancia da parte dos índios convirá reunil-os em uma só aldeia, no que haverá grande proveito para elles e para a sociedade, e isto pode V. Ex^a. recomendar ao commandante militar. (Doc. 1871, p. 79v 80 - Livro n.º 191, 1860-1873, APMT)